

PIRATARIA MODERNA: Os impactos dessa prática em meio à pandemia

A pandemia acirrou ainda mais as disputas comerciais entre os países, que buscam por insumos médicos e pelo pioneirismo na criação de um antídoto contra o novo Coronavírus

Com a explosão da Covid-19, que assolou o mundo este ano, países sofrem com os impactos econômicos e comerciais da nova doença. A alta procura por insumos e EPIs usados no combate ao vírus desencadeou o aumento de preços e uma corrida na produção para suprir as demandas.

Além disso, medidas de protecionismo foram adotadas por governos com objetivo de barrar a saída desses produtos e preservar seus estoques - é o caso da China, que limitou a 150 os envios de respiradores por voo, e dos Estados Unidos, que bloquearam durante uma semana o envio de suprimentos da 3M, uma das maiores fabricantes de material médico e de segurança. O governo reviveu uma lei instituída nos anos 50 para obrigar a multinacional a produzir quantidades estipuladas pelas autoridades e limitar as vendas ao território nacional.



Divulgação: Reuters - EUA barra exportação de máscaras produzidos pela 3M.

Diante deste cenário, o Brasil já foi afetado com a escassez desses recursos, que atinge, principalmente, os profissionais da área da saúde que estão na linha de frente desta luta.

Com a pandemia instalada, a sociedade teve que se readaptar a um novo estilo de vida, e com isso a economia também sofreu as consequências. As brigas comerciais, que já existiam entre potências como China e EUA, voltaram à tona com mais força, mas agora com um novo objetivo: preservar a fabricação local de insumos e estudar medicamentos e possíveis vacinas para combater a doença.

O historiador e professor da Universidade São Judas Moacir Assunção Filho aponta que a questão tem a ver com cadeias produtivas: a China, em muitos casos,

é o único produtor de alguns insumos ligados ao combate ao novo coronavírus, como respiradores, máscaras e EPIs. “No caso do EUA x China, já havia conflitos desde o começo do governo do Trump, já na campanha ele dizia que queria diminuir o déficit do EUA com a China, porém, ainda continua. Apesar de uma série de brigas para tentar resolver, os Estados Unidos taxaram as importações chinesas e a China fez o mesmo, ou seja, retaliaram”, completou.

Em teoria, estadunidenses e chineses chegaram a um acordo, em janeiro de 2020, que encerraria os dois anos de guerra comercial entre os países, mas para o historiador, o problema continua. “Os EUA têm um déficit enorme que acabou ficando em uma dívida de 360 bilhões de dólares com a China, ou seja, eles vendem muito menos do que compram, os chineses fizeram um acordo para reduzir esse déficit mas ainda assim ficou nesse valor”. A pirataria moderna é apenas uma face deste problema.

ESTADOS UNIDOS

Na prática, a pirataria se resume na elevação de preços e em modalidades de contrabando que está acontecendo com insumos considerados essenciais ao combate do novo coronavírus. As especulações são de que os norte-americanos estão se beneficiando com a compra e venda desses produtos. Os Estados Unidos, considerados autores de medidas protecionistas - como as que impediram em abril que a região Nordeste do Brasil recebesse cerca de 600 respiradores, acusados de manter a carga retida no aeroporto de Miami - enfrentam outros problemas além das disputas comerciais com a China.

O país enfrenta, ainda, grandes dificuldades com seu sistema de saúde. Mais de 27 milhões de norte-americanos não têm plano de saúde, e como não há Serviço Nacional de Saúde, mais de 25% da população diz evitar ir ao médico, pois uma consulta pode custar centenas de dólares, parte da população que tem seguro de saúde nos Estados Unidos, sofre com o receio cobranças futuras, já que a maior parte dos seguros tem cobertura extremamente limitada, isso complicou a situação, pois no momento é necessário identificar com urgência os casos de coronavírus, evitando a escalada de infecções.

Os americanos contavam com uma lei chamada Obamacare criada por Barack Obama em 2010, mas que só entrou em vigor em 2014. Foi o programa legislativo que reformou a saúde do país, exigindo que todas as pessoas que vivessem nos EUA tivessem um seguro de saúde. Na época, essa lei dividiu opiniões, pois a imposição de aquisição do seguro, foi considerado abuso de poder do ex-presidente por outro lado, obrigava as seguradoras a cobrir benefícios essenciais, como: doenças crônicas, vacinas e cuidados preventivos. Apesar de ser considerada uma das reformas mais grandiosas na história do sistema de saúde americano, Donald Trump decidiu em março deste ano, não reabrir as inscrições do programa em tempos de pandemia do coronavírus.

Eles também tiveram alguns problemas com os teste que detecta o vírus, quando o CDC decidiu que seria o único a fabricar o mesmo, foram detectados alguns defeitos e consequentemente a população ficou sem ter o resultados, e os tiveram, foi com grande atraso.

Para tentar amenizar o impacto da pandemia, o país começou a reter ou redirecionar para si mesmos os insumos médicos, como por exemplo: respiradores, máscaras e luvas. Donald Trump chegou a proibir as empresas norte-americanas de exportarem seus produtos para outros países. Em alguns casos, houve denúncias de "roubo de contrato", a grande suspeita é de que os Estados Unidos tenha feito ofertas mais altas pelos produtos, passando na frente de outros países.

NO BRASIL

O Brasil tem enfrentado dificuldades para comprar os equipamentos de proteção individual, utilizados para o combate à Covid-19 - doença que já ultrapassou os 560 mil casos (dados do dia 04 de junho). Com as medidas adotadas pelos Estados Unidos, o país sofre com o aumento de preço e a redução dos materiais. Diante disso, os profissionais da área da saúde sentem na pele os reflexos dessa crise mundial.

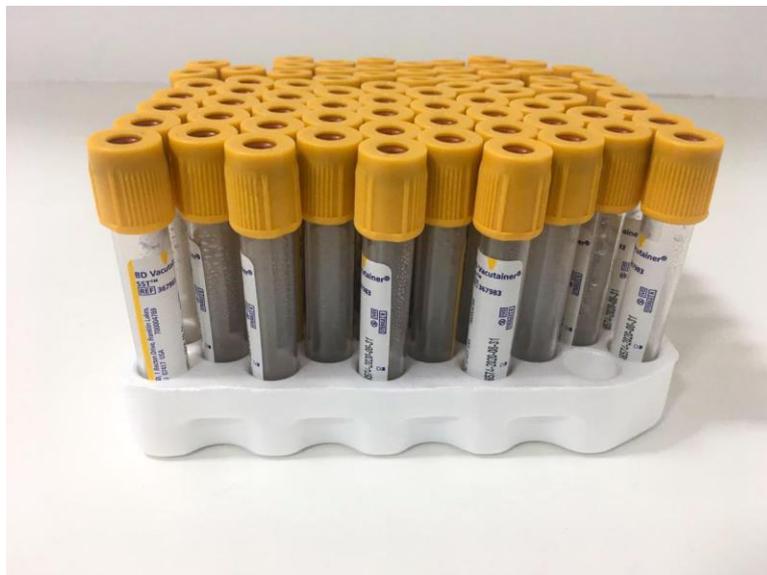


Foto: Larissa Ventura - Tubos "BD Vacuitaner", Tubos para a sorologia do Covid-19

A enfermeira Fernanda Nardy Cardoso, que trabalha na UTI do Hospital São Paulo, conta que a instituição está racionando o uso de produtos; apenas os médicos que irão entrar em contato direto com o paciente usam os aventais adequados de proteção contra o vírus. O mesmo acontece com as máscaras modelo N95, que são usadas apenas na UTI exclusiva para o atendimento de pacientes com a doença. "Outra coisa que a gente faz também, é evitar sair da UTI, porque a gente está em uma UTI fechada, então a gente se paramenta, entra e sai no máximo uma vez pra tomar água e fazer xixi pra poder não ficar tirando o avental e gastando muito avental."

A enfermeira relatou que, no começo, houve uma grande diminuição de álcool 70%, mas que a situação já se normalizou. “Inclusive a gente recebeu doação da Natura, que entregou vários álcoois 70% pra gente usar na UTI. Tem alguns insumos como, agulha 40 por 12 que estão em falta, seringa de 10 ml, luva de procedimento sem talco que estava vindo um tempo, coisa que não vinha há muitos anos, mas por falta da outra a gente estava usando esse outro tipo.”



Foto: Camila Lima - Avião com carregamento de 90 toneladas de insumos hospitalares vindos da China, descarrega em Fortaleza.

Com a escassez nem todos conseguem usar os equipamentos necessários para atuar. Portanto, profissionais da saúde estão fazendo de tudo para não faltar equipamentos, até mesmo investindo dinheiro para poder comprar e suprir a falta. “Ainda não tivemos nenhuma escassez de falar ‘nossa não tem pra trabalhar’, a gente sempre teve para entrar na UTI, porque a chefia da UTI, a chefia médica tem providenciado, inclusive tirou até do próprio bolso para poder ajudar a gente, teve um período, mas não sei informar quando foi” – contou a enfermeira.

ACORDOS COMERCIAIS E ALTERAÇÃO DE VALORES

Em abril, o secretariado da Organização Mundial do Comércio (OMC) divulgou um novo relatório sobre o tratamento de produtos médicos em acordos comerciais regionais (ACRs) em relação à escassez de insumos hospitalares causadas pela atual pandemia.

Em seus ACRs, os membros da OMC liberalizaram mais de 84% das tarifas desses produtos com uma taxa de 1,6% o que fora dos ACRs alcançava 3,8%, a liberalização tarifária é maior para membros desenvolvidos, com uma taxa de 99,5% e menor para membros em desenvolvimento (84,3%) e menos desenvolvidos (68,4%).

Porém, as taxas de NMF (nação mais favorecida) e tarifas preferenciais foram eliminadas sobre medicamentos, EPIs e equipamentos médicos pelos países desenvolvidos, ou seja, as tarifas de impostos para esses membros são menores, podendo assim, exportar esses produtos com menores taxas tarifárias.

O economista Manfred Back aponta que o único país que tem escala de produção, não só de equipamentos médicos, de como máscaras de proteção e de quase todos os componentes, é a China.

“As regras não mudaram, o que realmente mudou de país para país, que optou pelo isolamento ou lockdown, foi o fechamento das fronteiras”.

Os Estados Unidos bloquearam a entrada de máscaras chinesas num primeiro momento, mas compraram respiradores chineses no momento do surto, o que para Manfred significa que, nessa situação, a economia americana não tem capacidade e escala para abastecer a demanda interna de equipamentos médicos. Por isso, a corrida por esses produtos, já que a China é líder na produção e possui uma alta demanda, esses equipamentos estão sendo vendidos a leilão, o que fez os Estados Unidos comprarem todos os respiradores no pico da pandemia.

O Brasil segue encontrando desafios na falta desses insumos; a escassez se dá por conta dos preços abusivos desses produtos. Apesar da diminuição das tarifas, a Federação dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo (FEHOESP) divulgou um levantamento que mostra um aumento de mais de 1.000% sobre insumos hospitalares.



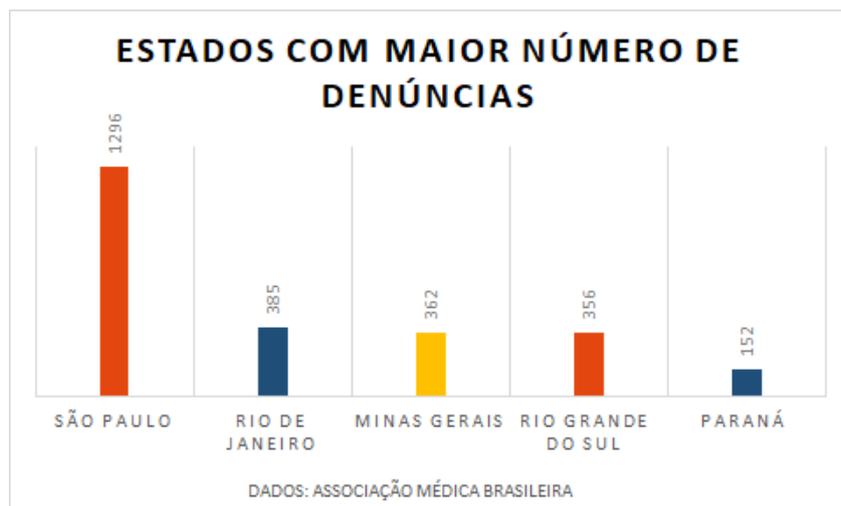
Foto: Larissa Ventura - Técnicas de enfermagem do laboratório Fleury, equipadas no setor de Covid-19

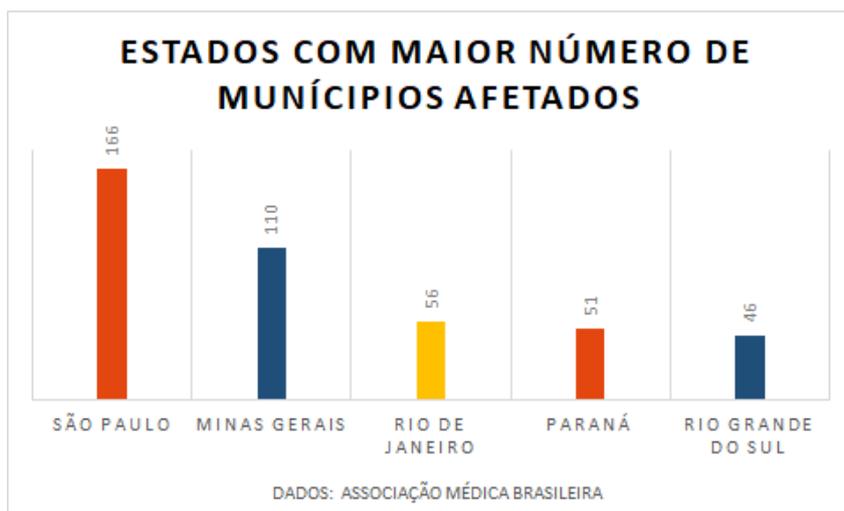
Rodrigo Bastos, auxiliar de almoxarifado do laboratório Fleury na unidade do Itaim Bibi, relata dificuldades com os valores dos insumos, que, por conta da pandemia, tiveram elevação de valores pelos fornecedores a preços exorbitantes. “Uma caixa de máscara descartável que antes custava R\$23,00 subiu para R\$178,00.”

Rodrigo também relata que tiveram que mudar de fornecedor, pois os fornecedores nunca tinham o que o laboratório pedia. Questionado sobre um possível prazo para a estabilização do fornecimento de insumos, ele diz que o prazo para o recebimento dos produtos não foi atendido e que uma nova data foi passada, mas não foi cumprida.

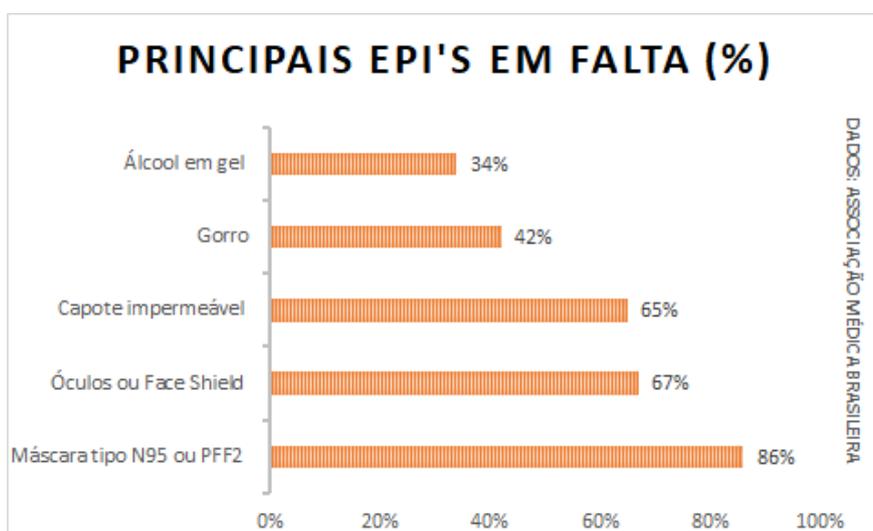
Para o controle e denúncias da falta de insumos hospitalares para os profissionais da saúde, a AMB (Associação Médica Brasileira) criou uma plataforma onde qualquer pessoa pode denunciar unidades que estão com esses produtos em falta, os resultados são encaminhados para as principais entidades da saúde do país como, o Ministério da saúde e o Conselho Regional de Medicina e também ao Ministério público.

A maior parte das denúncias é de São Paulo, tanto no estado quanto no município, com 1.296 e 168, respectivamente, como mostram os gráficos abaixo:





Já com relação aos EPIs, foi registrado que a Máscara tipo N95 é a mais pendente entre os estados (86%), seguindo pelo Óculos de proteção (67%), conforme abaixo:



ESCRITO POR:

Ana Paula Contado - 818118751

Isabela Tiritan - 818126691

Larissa Ventura - 818127616

Letícia Silva - 818134801

Renata Ribas - 818137787